



A Carne Platina no Capitalismo Central:

Relações de dependência e participação no mercado e dieta britânicos (1870-1914)

Autor: Alejandro Romero

Orientador: Mathias Seibel Luce

Ciências Humanas – SESSÃO: HISTÓRIA, ECONOMIA E SOCIEDADE.

Resumo: Esta pesquisa analisa, através dos aportes da Teoria Marxista da Dependência, as importações inglesas de carne argentina durante a chamada *Era Vitoriana* e no período que antecede a Primeira Guerra Mundial (1870-1914). Empreende-se também a junção do estudo da conformação histórica da divisão internacional do trabalho e das relações de imperialismo e dependência com a forma da inserção da carne estrangeira na dieta da classe trabalhadora e seus desdobramentos para influir no padrão de vida destes. Para tal, além dos conceitos relativos ao padrão primário-exportador de reprodução do capital das economias dependentes latino-americanas, opera-se também o conceito de E. P. Thompson de *economia moral* para a melhor compreensão dos mecanismos e entraves pelo qual essa carne tornou-se alimento da classe trabalhadora do então centro capitalista. No auxílio a estes objetivos são analisados também alguns números do periódico inglês *The Economist* de modo a elucidar o ponto de vista do centro imperialista sobre estes processos

Como E. P. Thompson observou “O *RoastBeef* na velha Inglaterra era o orgulho dos artesãos e a aspiração de todo trabalhador”; e acrescenta com relevância que “A carne certamente serve como um sensível indicador dos padrões materiais, pois seu consumo seria um dos primeiros a crescer quando houvesse qualquer aumento real dos salários³⁰”. Esse aumento no consumo de carne é verificado no período de 1870 a 1914, após a Grande Depressão de 1870 que reduziu em muito o preço dos produtos deste gênero, mas estes caíram em muito também em virtude do fato de que se abria todo um mundo novo de alimentos baratos e importados para o povo britânico. Para termos uma ideia sobre a relação entre o aumento na importação e no consumo de carne e uma grande desvalorização desse produto, basta mencionarmos que, conforme Eric Hobsbawm, “entre 1870 e 1896 os gastos de consumo de carne aumentaram em quase um terço na Grã-Bretanha, mas a proporção de carne importada triplicou”.

No entanto, o processo de inclusão da carne congelada estrangeira no cotidiano britânico não ocorreu sem resistências da parte de açougueiros e consumidores. Nesse sentido é verificado no *The Economist* propagandas em relação à qualidade deste alimento e artigos que buscavam enfraquecer as resistências de revendedores.

Segundo Ruy Mauro Marini e a teoria da dependência, a integração dos países latino-americanos no mercado mundial e na divisão internacional do trabalho – principalmente na segunda metade do século XIX – se deu de modo a complementar as economias capitalistas centrais e transferir capitais a estas, configurando assim, as relações de dependência da América Latina no capitalismo moderno. Essa transferência de capitais pode ser mais bem compreendida através do conceito de *troca desigual* e teve, como primeira etapa, a exportação de matérias-primas e *bens de consumo* que propiciaram o desenvolvimento industrial desses países capitalistas. Essa etapa foi apontada por Jaime Osório, segundo sua tipologia, como parte do padrão de reprodução do capital primário-exportador na América Latina.



Carnes argentinas no mercado de Londres. A venda do frigorífico Wilson (1925). Extraída de: http://www.agenciaambiental.gov.ar/areas/med_ambiente/apra/riachuelo/?seccion=6

No caso da Grã-Bretanha, entre estes bens de consumo, com certeza, a carne tem lugar especial na dieta da população, principalmente, como destaca E. Hobsbawm, por seu valor simbólico e “tradicional” como alimento diferenciado para o estudo do padrão de vida britânico. Se até pouco mais da metade da chamada *era vitoriana* o principal local de origem das importações britânicas de carne eram os Estados Unidos, com a introdução da tecnologia das câmaras frigoríficas e da possibilidade do congelamento durante o transporte, outros países mais distantes passaram a ter maior participação nas importações britânicas, como a colônia australiana e, mais expressamente, a Argentina, que até pouco antes da primeira guerra mundial representava a maior parte da carne do exterior na Grã-Bretanha.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Arquivo Histórico “The Economist”: <http://find.galegroup.com/econ/start.do?econStoreUser=true>

BAMBIRRA, Vania. **Capitalismo Dependente Latinoamericano**. 1.ed. Coleção Pátria Grande – biblioteca do pensamento crítico latinoamericano, 2012.

FERREIRA, Carla; OSÓRIO, Jaime; LUCE, Mathias (orgs.). **Padrão de Reprodução do Capital: contribuições da teoria marxista da dependência**. São Paulo: Boitempo, 2012.

HOBBSAWM, Eric. **Da Revolução Industrial ao Imperialismo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

MARINI, Ruy Mauro. **Dialética da Dependência** (1973) In: STEDILE, João Pedro; TRASPADINI, Roberta. Ruy Mauro Marini: vida e obra. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

PERREN, Richard. **The Meat Trade in Britain, 1840-1914**. London, Henley e Boston: Routledge & Kegan Paul, 1978.

RAPPOPORT, Mario. **Historia económica, política y social de la Argentina, 1880-2003**. Buenos Aires: Emecé, 2012.

THOMPSON, Edward P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.